



**LITERATURA
DE CORDEL
CONTEMPORÂNEA**

VOZ,
MEMÓRIA E
FORMAÇÃO
DE LEITOR

CONSELHO EDITORIAL 

Aldo José Rodrigues de Lima

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Ana Margarida Ramos

Universidade de Aveiro – UA – Portugal

Alice Atsuko Matsuda

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Diógenes Buenos Aires de Carvalho

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Goiandira Ortiz de Camargo

Universidade Federal de Goiás – UFG

João Luís Cardoso Tápias Ceccantini

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Silvana Augusta Barbosa Carrijo

Universidade Federal de Goiás – UFG

Sylvia Maria Trusen

Universidade Federal do Pará – UFPA

Santinho Ferreira

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Eliane Ap. Galvão Ribeiro Ferreira
Francisco Cláudio Alves Marques
Ricardo Magalhães Bulhões
(organizadores)

LITERATURA
DE CORDEL
CONTEMPORÂNEA

VOZ,
MEMÓRIA E
FORMAÇÃO
DE LEITOR

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Literatura de cordel contemporânea : voz, memória e formação de leitor / Eliane Ap. Galvão Ribeiro Ferreira, Francisco Cláudio Alves Marques, Ricardo Magalhães Bulhões, (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2020.

Vários autores.

Bibliografia

ISBN 978-65-86089-12-7

1. Literatura de cordel 2. Literatura de cordel – Brasil – História e crítica 3. Poesia popular brasileira I. Ferreira, Eliane Ap. Galvão Ribeiro. II. Marques, Francisco Cláudio Alves. III. Bulhões, Ricardo Magalhães.

20-33159

CDD-398.20981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Literatura de cordel : História 398.20981

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

apoio institucional
CATEDRA
ANEP

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

JULHO / 2020

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 7
Arievaldo Vianna

APRESENTAÇÃO 15

Parte I – CORDEL: HISTÓRIA, MEMÓRIA E VOZES DE CORDELISTAS

A LITERATURA DE CORDEL BRASILEIRA:
POESIA, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA 21
Francisco Cláudio Alves Marques, Esequiel Gomes da Silva

O GÊNERO DISCURSIVO CORDEL:
COM A PALAVRA, OS CORDELISTAS 49
*July Rianna de Melo, Alessandro da Silva,
Ana Maria de Oliveira Galvão*

A RETÓRICA DO CORDEL EM FERREIRA GULLAR 87
João Adalberto Campato Jr.

TRAÇOS DA “NEGATIVIDADE” ROMÂNTICA
NA POESIA SATÍRICA DE LEANDRO
GOMES DE BARROS 107
Carla Kühlewein

**Parte II – CORDEL: PRODUÇÃO CULTURAL
CONTEMPORÂNEA E FORMAÇÃO DO LEITOR**

O CORDEL PARA CRIANÇAS E
A PERMANÊNCIA DA TRADIÇÃO ORAL 129
José Hélder Pinheiro Alves

DA TOCA DO COELHO À CACIMBA ENCANTADA:
ALICE CHEGA AO NORDESTE BRASILEIRO 149
*Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira,
Guilherme Magri da Rocha*

DA PERFORMANCE À TEATRALIDADE NA LITERATURA
POPULAR BRASILEIRA: EM CENA, O CORCUNDA DE
NOTRE-DAME EM CORDEL 175
Ricardo Magalhães Bulhões, Wagner Corsino Enedino

RECONFIGURAÇÕES CONTEMPORÂNEAS
DAS HERANÇAS TRADICIONAIS: UMA LEITURA DE
LAMPIÃO & LANCELOTE, DE FERNANDO VILELA 193
Diana Navas, Ana Margarida Ramos

SHAKESPEARE ARRETADO: RELEITURAS DA OBRA DO
ESCRITOR INGLÊS PARA A LITERATURA DE CORDEL 213
Fernando Teixeira Luiz, Berta Lúcia Tagliari Feba

ENTRE SÁBIOS E MÚSICOS: O CORDEL PRESENTE
NOS CONTOS DE RICARDO AZEVEDO 239
Penha Lucilda de Souza Silvestre

D. QUIXOTE E A LITERATURA DE CORDEL:
UM DIÁLOGO IMPERTINENTE 255
Edilene Matos

QUEM SÃO OS AUTORES 267



REFÁCIO

Um dos pioneiros no estudo da poesia popular no Brasil foi o escritor cearense José de Alencar (*1829, Fortaleza, CE, † 1877, Rio de Janeiro, RJ) em ‘O Nosso Cancioneiro’. Este ensaio literário foi publicado em 1874 no jornal *O Globo* em forma de cartas dirigidas ao amigo Joaquim Serra e publicado, posteriormente, em livro. Outro desbravador dessa seara foi o sergipano Sílvio Romero (*1851, Lagarto-SE, † 1914, Rio de Janeiro, RJ) com o livro *Estudos sobre a poesia popular do Brasil-1879-1880*, publicado em livro pela Typografia Laemmert & C. Nestes estudos, reproduzidos pela primeira vez na *Revista Brasileira*, entre 1879 e 1880, Sílvio Romero analisa a poesia e a novelística, por ele reunidas, em duas obras anteriores (*Cantos Populares* e *Contos populares do Brasil*). Os ensaios críticos deste livro dedicam-se à discussão do caráter, dos escritores, dos temas, da história, da língua e dos gêneros constitutivos da literatura popular nacional. Há, inclusive, críticas aos métodos empregados por José de Alencar, que admitiu haver lapidado o linguajar do poema ‘O Rabicho da Geralda’, poema popular que ouvira quando criança em Quixeramobim-CE e que, em 1865, lhe foi repassado oralmente, ao som da rabeca, pelo cantador João Sant’Anna de Maria, o popular Santaninha, que residia à época num sítio da família Sombra, de Maranguape-CE, onde o grande romancista passava uma temporada de repouso, tentando se curar de uma tuberculose.

Na época em que Alencar e Romero iniciaram tais estudos, a Literatura de Cordel, na sua forma impressa, ainda engatinhava aqui no Brasil. O já citado Santaninha publicara, em 1879, alguns folhetos pela Livraria Quaresma, dentre os quais ‘O Imposto do Vintém’ e ‘A Guerra do Paraguai’, citados por Sílvio Romero em seus estudos. Não há qualquer indício de que Silvino Pirauá de Lima e Leandro Gomes de Barros, considerados pioneiros na publicação de folhetos rimados no Nordeste, tivessem iniciado o seu programa editorial. Circulavam, isto sim, folhetos de origem portuguesa, a maioria em prosa, com as histórias da ‘Princesa Magalona’, ‘Donzela Teodora’, ‘Imperatriz Porcina’, ‘Vida de Pedro Cem’, e outros temas oriundos da Península Ibérica.

A poesia popular nordestina, pesquisada por José de Alencar e Sílvio Romero circulava oralmente ou na forma de manuscritos, sendo às vezes declamada ao som da viola ou da rabeça, instrumentos que sempre estiveram associados à figura do cantador. O poeta de bancada, como é chamado o autor de folhetos impressos, raramente utiliza instrumentos musicais em suas apresentações, preferindo declamar “à palo seco”.

Na abertura dessa Coletânea, organizada por Eliane Aparecida Galvão Ferreira, Francisco Cláudio Alves Marques e Ricardo Magalhães Bulhões, reunindo textos de vários pesquisadores contemporâneos, as questões das origens do cordel brasileiro são aprofundadas e as influências europeias ressaltadas desta maneira:

Antes de se reinventar no Nordeste brasileiro, no final do século XIX, a literatura de folhetos, dita de cordel, já vinha correndo “as sete partidas do mundo”, ou os “quatro cantos do mundo”, como preferem os nordestinos. Na Itália, sobretudo nas províncias do Sul, vendedores ambulantes, à maneira de mascates, saíam vendendo folhetos, os chamados “libretti muriccioi”, impressos aos milhares nas prensas recém-instaladas em Nápoles, logo após a invenção da imprensa. As

narrativas, estampadas em papel ordinário e a baixo preço, em prosa e em verso, consistiam em vulgarizações de Ariosto, Tasso e até de clássicos da literatura grega e latina.

Ora, há pesquisadores contemporâneos que tentam dissociar o Cordel Brasileiro (sobretudo a vertente nordestina) de qualquer influência externa, como se essa poética tivesse brotado espontaneamente, sem qualquer fonte de inspiração herdada de nossos colonizadores. Tal afirmativa contraria a máxima pregada pelo Eclesiastes, um dos livros mais profundos da Bíblia Sagrada, que diz textualmente que “nada é novo sob o sol”. É claro que o Cordel nordestino foi reinventado a partir dessas matrizes. A genialidade dos nossos poetas, em criar novas modalidades e fundar novos ciclos temáticos, sempre preferindo a forma rimada em detrimento da prosa, deu ao Cordel brasileiro uma feição singular e o *status* que hoje goza internacionalmente.

Por outro lado, a avidez do público em consumir tais publicações ensejou um movimento único em todo o planeta, ultrapassando o volume de 50 mil títulos em seu cânone, ao longo de 120 anos de publicação ininterrupta de folhetos de Cordel no Nordeste brasileiro. Alguns pesquisadores datam o início das atividades de Leandro em 1889, razão pela qual chegamos à estimativa de 120 anos. Quanto ao número de obras publicadas, o pesquisador holandês Joseph Luyten (*1941, Brunssun, Holanda, † 2006, Ouro Preto, MG) há cerca de vinte anos, já estimava em mais de 30 mil títulos publicados. Levemos em consideração que o suporte tradicional do cordel, o nosso popular “folheto de feira”, é muito frágil em sua estrutura, desaparecendo com facilidade. Uma obra impressa há cem anos, da qual se fez uma tiragem de apenas um milheiro, se não foi reeditada posteriormente, seguramente já desapareceu sem deixar vestígios.

Por outro lado, levemos em consideração que o cordel se encontra revitalizado, com mais de dois mil autores em atividade, escrevendo e publicando novos títulos, não apenas no Nordeste,

mas em todo o Brasil. Na última edição da Bienal Internacional do Livro do Ceará, havia mais de 60 poetas e xilogravadores expondo a sua produção e de outros colegas ausentes, num espaço de mais de 1.200 metros quadrados! Poetas contemporâneos, como Klévisson Vianna, Rouxinol do Rinaré e Marco Haurélio já ultrapassaram a marca dos 200 títulos publicados. O veterano José Costa Leite, residente em Condado-PE, com 92 anos idade, há muito já ultrapassou a casa de mil títulos.

Afirmam os autores que nessa coletânea, primaram por reunir capítulos cujo foco é o estudo da literatura de cordel contemporânea:

[...] procuramos demonstrar que a poesia de cordel, embora às vezes se inspire em fontes eruditas ou retome temas e trechos inteiros de outros textos já consagrados pela tradição oral ou escrita, continua mantendo-se original no sentido de que o poeta popular não só adapta para a linguagem do folheto a história “imitada”, mas a recria e a adapta à realidade de sua comunidade e de seu tempo, emulando o texto anterior.

Desde o seu surgimento, ainda na Europa, a Literatura de Cordel interagiu com a chamada literatura erudita. Cláudio Marques e Esequiel Gomes da Silva lançam novas luzes sobre a origem do Cordel, buscando além da França e da Península Ibérica, a literatura popular produzida na Itália:

Até o final do século XIX, os italianos das províncias tomavam conhecimento dos “acontecidos”, da vida de santos, dos “briganti” (bandidos) e dos romances de cavalaria, vulgarizados, por meio desses folhetos não raro compostos em oitava rima ariostesca. Na França, por volta dos séculos XVI e XVII, predominaram os livrinhos da Biblioteca Azul e a literatura de “colportage”, impressos em formato similar aos folhetos italianos. Seguindo essa mesma tradição, na

Espanha, destacaram-se os “pliegos sueltos” e, em Portugal, as folhas volantes ou literatura de cordel, arquetipos dos folhetos nordestinos.

Uma das particularidades do cordel contemporâneo é o grande número de adaptações de clássicos da literatura para a linguagem rimada. Alguns desses títulos saíram por grandes editoras, no formato de livros infantojuvenis ilustrados e foram absorvidos pelas escolas, através de compras governamentais feitas pelo Ministério da Educação (através do PNBE e PNLID), e também por estados e municípios. Mas essa prática não é novidade. Leandro Gomes de Barros, tido como pioneiro, adaptou textos da Bíblia e do Livro de Carlos Magno e os Doze Pares de França. ‘A índia Necy’, um de seus folhetos mais conhecidos, é claramente inspirado nos romances indianistas de José de Alencar. João Martins de Athayde, por sua vez, fez adaptações de ‘O Conde de Monte Cristo’ (Romance de um sentenciado), ‘O prisioneiro de Zenda’ e muitos outros. José Camelo de Melo Resende, autor do clássico ‘Romance do Pavão Misterioso’, bebeu nas ‘Mil e uma noites’ e também em ‘El Cid’. Esse último serviu de inspiração para compor o texto do folheto ‘Entre o amor e a Espada’, onde se encontram, logo no início, algumas das mais belas sextilhas do cordel brasileiro:

*¶ amor quando se alberga
No peito do rico ou pobre
Se torna logo um guerreiro
Com capacete de cobre
E só obedece à honra
Porque a honra é mais nobre.*

*Se o amor é soberano
A honra é sua coroa
Portanto um amor sem honra
É como um barco sem proa
É como um rei destronado
No mundo vagando à toa.*

*A árvore é como o amante
Seus frutos são o amor
As raízes são a honra
Que de incógnito fresco
Dão vida e beleza à árvore
E aos frutos dão sabor.*

*Colhem-se os frutos da árvore
E ela não esmorece
Mas cortando-lhe as raízes
Ligeiramente emurhece
Do mesmo jeito é a honra
Ferida, o dono enristece.*

Desconheço na Literatura de Cordel Ibérica ou de qualquer outra parte do mundo, sextilhas tão perfeitas e providas de tanta beleza poética, prova de que o romanceiro popular nordestino superou, em grande escala, a literatura que lhe serviu de base ou modelo.

Por isso, boa parte dos poetas contemporâneos, mesmo adotando um novo suporte, mais atrativo e condizente com a modernidade, não abrem mão das formas poéticas e das regras tradicionais ditadas pelos mestres. Tampouco deixaram de produzir o folheto popular, no seu formato primitivo, cujo preço é muito mais acessível que o livro. Nas feiras e bienais de livro, o Cordel vem conquistando, cada vez mais, lugar de destaque. O interesse do mundo acadêmico pelo estudo do Cordel faz com que esse gênero literário seja mais respeitado e aceito no universo escolar. No livro ‘Ao Som da Viola’, de 1921, o escritor cearense Gustavo Barroso (Fortaleza-CE, 1888 – Rio de Janeiro-RJ, 1959), afirma o seguinte: “[...] o ensino das crianças na Grécia antiga começava pela poesia, por ser o meio mais fácil de guardar de memória, nessa época em que o livro era raro [...]. Assim pode o povo grego conservar, carinhosamente, de cor os admiráveis cantos de seus rapsodos”. No Nordeste de fins do Século XIX e primeira metade do Século

XX, quando as escolas eram raras e os índices de analfabetismo eram gritantes, milhares de pessoas se alfabetizaram a partir da Literatura de Cordel. Por isso, poetas, como Manoel Monteiro, um dos grandes defensores do Cordel na sala de aula, costumava chamá-lo de “Professor Folheto”.

Neste livro, os autores tomaram como objeto de análise e estudo adaptações, partindo do pressuposto de que sua leitura pode ser fundamental na formação leitora, pois nem sempre é desejável, dependendo da idade e da maturidade do leitor, que o primeiro contato com o texto clássico seja feito diretamente com os textos originais. Observam ainda os organizadores que atualmente há adaptações dotadas de valor estético e por isso

[...] possibilitam a oportunidade de um encontro sedutor e emancipatório com o texto literário. Essas adaptações dialogam com o leitor, configurando-se como interativas; com o cânone; e com a literatura de cordel de diferentes épocas, que as inspira ou influencia. Por essa razão, configuram-se como herdeiras do patrimônio cultural e podem ser motivadoras para posterior exploração do jovem leitor em leituras espontâneas.

A obra se divide em duas partes. Na primeira, Francisco Cláudio Alves Marques e Esequiel Gomes da Silva analisam Poesia, História e Resistência da Literatura de Cordel Brasileira. July Rianna de Melo, Alexsandro da Silva e Ana Maria de Oliveira Galvão analisam “O gênero discursivo Cordel: com a palavra os Cordelistas”; e João Adalberto Campato Jr. apresenta um estudo intitulado “A Retórica do Cordel em Ferreira Gullar”.

Na segunda parte, além dos organizadores, nota-se a participação de pesquisadores renomados, como o professor José Hélder Pinheiro Alves, um dos maiores defensores da inclusão do Cordel no currículo escolar. Ele assina um capítulo intitulado “O cordel para crianças e a permanência da tradição oral”, em que faz uma abordagem bem didática do assunto.

São analisados também, por outros pesquisadores de renome, obras adaptadas sob a forma de cordel, inspiradas em clássicos, como *Alice no País das Maravilhas (em cordel)*, de João Gomes de Sá, por Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Guilherme Magri da Rocha; *O corcunda de Notre-Dame em cordel*, de João Gomes de Sá, por Ricardo Magalhães Bulhões e Wagner Corsino Enedino; *Lampião & Lancelote*, de Fernando Vilela, por Diana Navas e Ana Margarida Ramos; adaptações da obra de Shakespeare, por Fernando Teixeira Luiz e Berta Lúcia Tagliari Feba; a presença do Cordel nos contos de Ricardo Azevedo, por Penha Lucilda de Souza Silvestre; e a presença de ‘Dom Quixote’ nos folhetos, num interessante estudo realizado pela professora Edilene Matos.

Na parte onde os poetas ganham voz e se manifestam, é interessante observar esse depoimento de José Francisco Borges, o popular J. Borges, poeta e gravador pernambucano, que dá o seguinte testemunho:

Eu me apaixonei pelo cordel, porque, quando eu era pequeno, era a única diversão que tinha na época. A gente não tinha acesso a livro ou jornal. Não existia televisão nos anos [19] 40. Já tinha a Rádio Clube e a Rádio Jornal, mas só quem possuía rádio era rico. Aqui ou acolá, tinha um fazendeiro que tinha um rádio de bateria que levava pra carregar, no sábado, na cidade e usava o rádio só durante a semana, mas a gente não tinha nem o direito de chegar na porta. Então, não tinha informação nenhuma e aonde tinha informação era o cordel que era lido nas bocas de noite, nos feriados, nos sábados e domingos.

Como se pode ver, trata-se de uma obra de altíssimo quilate, embasada em sólida pesquisa e com as melhores referências de que dispomos na atualidade. Um livro indispensável para todos que desejam trabalhar com o Cordel nas escolas. Boa leitura.

Arievaldo Vianna
Poeta e pesquisador



PRESENTAÇÃO

Apesar de ter sobrevivido no Brasil, a Literatura de Cordel desapareceu completamente das feiras e praças do Velho Mundo; o berço de tais produções. As primeiras versões impressas surgem na Europa a partir de meados do século XV, e consistiam basicamente em vulgarizações de temas emprestados da novela de cavalaria, das epopeias gregas e das hagiografias medievais.

Ao aportar no Novo Mundo, a literatura de folhetos ganha novas configurações, aclimatando-se à realidade das comunidades de recepção. Até a década de 1950, a maioria das produções cordelistas brasileiras consistia na revitalização de arquétipos oriundos das muitas histórias do romancelheiro ibérico enviadas ao Brasil a partir de meados do século XIX, por exemplo, *História de Carlos Magno e dos Dozes Pares de França*, *História de Roberto do Diabo*, *História da Donzela Teodora*, *História da Imperatriz Porcina*, entre tantas outras.

A maioria dessas histórias já havia sido traduzida e adaptada em Portugal a partir de versões francesas e espanholas. Apesar do enorme sucesso alcançado por tais histórias no interior do Nordeste brasileiro, o fato é que, após a década de 1950, com o avanço do rádio e da televisão, a produção de folhetos entra em franco declínio, levando os poetas populares a se reinventarem por meio da adoção de temas mais universais e, inclusive, dando voz

às mulheres que, a partir de então, passam a publicar seus versos. Nessa nova fase, a adoção de temas mais universais permitiu que a produção cordelista atingisse um público mais amplo, constituído, inclusive, por leitores das capitais do Sul e Sudeste do país.

Muitas das antigas histórias do romanceiro continuam sendo reeditadas até hoje e, embora o antigo formato continue sendo amplamente cultivado, as tradicionais sextilhas agora podem ser lidas em livro ou na internet, garantindo que o gênero sobreviva aos novos atrativos da modernidade. Outro caminho encontrado pelos poetas responsáveis pela revitalização do gênero foi o das adaptações, e não são poucas as obras da literatura erudita vertidas para a linguagem do folheto, tendo inclusive reendereçoamento (Corrêa 2010), pois afastam-se do público original, destinando-se ao infantil e/ou juvenil.

Esse procedimento, apesar de não constituir uma novidade no universo dos poetas de cordel, ganha nova dimensão na atualidade pelo fato de tais versões adentrarem escolas e academia, despertando o interesse de pesquisadores pelo estudo do gênero. As modernas adaptações operadas no interior dessa literatura podem ser estudadas tanto à luz das teorias da adaptação e da recepção, como pelas teorias de estudiosos da literatura medieval, como Paul Zumthor, segundo o qual tais adaptações se enquadram no contexto das vulgarizações medievais, podendo ser compreendidas com base na acepção de “romance” desenvolvida por volta de 1160/1170, quando a expressão francesa “*mettre en roman*” significava colocar textos escritos originalmente em latim ao alcance do leitor/ouvinte, o chamado processo de “vulgarização”.

Nesta coletânea, reunimos capítulos cujo foco é o estudo da literatura de cordel contemporânea. Nesses capítulos, procuramos demonstrar que a poesia de cordel, embora às vezes se inspire em fontes eruditas ou retome temas e trechos inteiros de outros textos já consagrados pela tradição oral ou escrita, continua mantendo-se original no sentido de que o poeta popular não só adapta para a

linguagem do folheto a história “imitada”, mas a recria e a adapta à realidade de sua comunidade e de seu tempo, emulando o texto anterior.

Em relação ao jovem leitor, tomamos como objeto de análise e estudo adaptações, partindo do pressuposto, em consonância com Ana Maria Machado (2002), de que sua leitura pode ser fundamental na sua formação leitora, pois nem sempre é desejável, dependendo da idade e da maturidade do leitor, que o primeiro contato com o texto clássico seja feito de forma direta com os originais. Além disso, atualmente, há ótimas adaptações que, dotadas de valor estético, possibilitam a oportunidade de um encontro sedutor e emancipatório com o texto literário. Essas adaptações dialogam com o leitor, configurando-se como interativas; com o cânone; e com a literatura de cordel de diferentes épocas, que as inspira ou influencia. Por essa razão, configuram-se como herdeiras do patrimônio cultural e podem ser motivadoras para posterior exploração do jovem leitor em leituras espontâneas.

Os organizadores

Referências e sugestões de leitura

MACHADO, Ana Cristina e PINHEIRO, Hélder (2012). *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez.

MACHADO, Ana Maria (2002). *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva.

BAKHTIN, Mikhail (1999). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. de Yara Frateschi. 4ª ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: EDUnB.

- BURKE, Peter (2010). *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras.
- CORRÊA, Hércules Toledo (2010). “Contos, recontos e reendereçamentos: uma mesma matriz, diferentes retextualizações para públicos e gostos diversos”, *in*: AGUIAR, Vera Teixeira de e CECCANTINI, João Luís (orgs.) *Teclas e dígitos: leitura, literatura & mercado*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- ZUMTHOR, Paul (1980). “L’écriture et la voix. (D’une littérature populaire brésilienne).” *Critique: Revue générale des publications françaises et étrangères*. Paris: Editions de Minuit, tomo XXXVI, n° 394, pp. 228-239, março. Tradução de Idelette Muzart, “A Escrita e a Voz (de uma literatura popular brasileira).” *Pluriel – Revue des cultures de langue portugaise*, n° 12: Textes et Documents. Disponível em: http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=478:numero-12-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57.
- _____ (2003). *A letra e a voz na 'literatura' medieval*. Trad. de A. Pinheiro e J. P. Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2005). *Escritura e nomadismo*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz, Cotia: Ateliê.
- _____ (2007). *Performance, recepção, leitura*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2ª ed. São Paulo: Cosacnaify.